

Alguns complementos circunstanciais e o ablativo latino. Algumas reflexões.

Walmirio Macedo, da ABF e UFF

Antes de qualquer coisa, quero que os leitores vejam este artigo como modestas reflexões com dois claros objetivos. O primeiro é ressaltar o latim, como fonte de conhecimento para elucidar muitos casos no estudo da oração. O segundo é prestar uma homenagem aos que ainda nutrem uma paixão por essa encantadora língua de camponeses que, em determinado momento, conquistou o mundo de então e que hoje ainda perdura viva, como disse Jules Marouzeau, nas línguas românicas. Dos latinistas que marcaram minha formação – e foram muitos – por gratidão destaco dois: Monsenhor Hélio Lessa Sousa, no Seminário Arquiepiscopal, de Maceió e Ernesto Faria, na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, aos quais presto minha carinhosa homenagem. O segundo já não está no meio de nós.

Sob o título de adjunto adverbial, na nomenclatura gramatical brasileira, incluem-se a função própria do próprio advérbio e os complementos circunstanciais.

O complemento circunstancial, como o próprio nome indica, expressa uma circunstância em que se desenvolve a ação ou a atividade verbal.

Pode ser representado por um advérbio, ou sintagmas nominais, orações subordinadas etc.

A identificação do complemento circunstancial tem de ser feita sob o enfoque sintático e semântico.

A importância desse complemento não tem sido devidamente dimensionada pela maioria dos estudiosos.

No meu entender, é um equívoco colocá-lo num grupo de termos acessórios, como se fosse possível retirá-lo da frase e jogá-lo na lata do lixo.

Lembro aqui um exemplo muito feliz de Edward Sapir:

O prefeito de Nova Iorque fez um discurso em Francês.

Se o retirássemos da frase, teríamos:

O prefeito de Nova Iorque fez um discurso.

É claro, diz Sapir, que é comum o prefeito de Nova Iorque fazer vários discursos e até no mesmo dia, mas o que o comunicador quis dizer de muito importante é que “fez um discurso *em Francês*”.

Não quero dizer que o complemento circunstancial seja aí o mais importante, mas que é indispensável, sob pena de mutilarmos a comunicação.

São, pois, diferentes semanticamente os enunciados:

Carlos mudou.

Carlos mudou de telefone.

Os acadêmicos se encontram.

Os acadêmicos se encontram no bar.

Fernando vive.

Fernando vive em Maceió.

Poderíamos lançar mão de numerosos pares de frases nessa direção.

Outro aspecto que merece atenção é que o elemento adverbial, às vezes, não atua relacionado com o verbo, mas como modificador oracional, indicando opinião, modo de entender e outros aspectos.

Não pretendemos aprofundar, nesta oportunidade, este aspecto que mereceria um artigo especial, incluindo a polêmica discussão do âmbito modificador do advérbio.

Quanto ao conteúdo dos complementos circunstanciais, vamos enquadrar em três níveis: *espaço, tempo e noção*.

No rótulo *noção* enquadraremos todos que não sejam de *espaço e tempo*, mas tentaremos definir os diferentes tipos semânticos dentro desse rótulo.

No latim, o complemento circunstancial era, na sua maioria, traduzido pelo ablativo.

No indo-europeu, além do ablativo, havia o instrumental e o locativo.

O ablativo latino, além de sua característica de indicar o ponto de partida ou separação e afastamento, absorveu a significação de instrumental e locativo.

O ablativo propriamente dito – *ablativus casus* do latim *auferré*, *ablatum* – marca o ponto de partida, afastamento e separação. As preposições que mais ocorrem com o ablativo são *a (ab)*, *de*, *ex* para indicar o complemento de lugar

donde.

O ablativo latino tornou-se assim o caso de maior amplitude sintática.

Pode-se resumir a função do ablativo em três ramos básicos, ou diria melhor, primitivos:

1. *ablativo propriamente dito*: situações de afastamento, separação e origem.

2. *instrumental*: traduz o meio que se utiliza para determinada ação.

3. *locativo*: indicador de tempo ou lugar.

Dáí decorrem as numerosas funções do ablativo.

O seu entendimento traz muitas luzes para o nosso complemento circunstancial.

É claro que o acusativo e às vezes o dativo também traduzem alguns desses complementos, mas não serão objeto de estudo neste artigo.

Sob o título de *locativo*, podemos encontrar os domínios de espaço, tempo e noção.

O locativo temporal (LOCT) se traduzia no latim clássico simplesmente pelo ablativo sem preposição:

Roma condita est septingentesimo quinquagésimo tertio anno ante Christum natum.

No locativo espacial (LOCE), - de lugar propriamente dito, usava-se o ablativo para o lugar onde e donde, com ou sem preposição.

Lugar onde:

Sum in urbe.

Vivo Carthagine (com nomes de cidade omitia-se a preposição)

In hoc mundo fieri quid sine Deo non potest?

Com nomes de cidade da primeira declinação, havia o uso do genitivo, resquício de um caso locativo, cuja forma se confundia com o genitivo.

Natus est Romae.

Lugar donde:

Qui possum, quaeso, facere, quod quaereris, lupe?

A te decurrit ad meos haustus liquor.

(Fedro, Lupus et agnus).

Bernard Pottier apresenta um quadro muito interessante quando trata da oposição entre acusativo e ablativo:

Acusativo → →		
E- ire Romam		
T- multos annos vivere		
		→ ablativo
		Monte defluit
		Ex urbe
		De urbe
		Ab urbe

O sistema de oposições das preposições latinas mostrado por Pottier é muito interessante e elucidativo.

Seu enfoque mostra um subsistema de estruturação entre as preposições no latim, que, em última análise, servem para termos uma visão no Português.

Assim, a preposição *a* é sem dúvida de emprego antônimo da preposição *de*.

Pottier trabalha – e estamos de pleno acordo com ele – com o valor significativo das preposições.

É assim que ele mostra um subsistema de estruturação entre as preposições latinas:

Ad → → →		→ → de
Ad → →		→ ab
In →		→ ex
		Trans

O que temos acima é um subsistema de oposição.

No LOCT, na realidade, temos aqueles casos que respondem à pergunta *quando?* (Isso aconteceu *naquele tempo*), ou à pergunta *em quanto tempo?* (A guerra foi vencida *em dez dias*), ou à pergunta *há quanto tempo* (*há dias* penso em você).

A idéia de causa e instrumento é também traduzida no ablativo, sendo que o de causa pode ser também traduzido no acusativo com a preposição *propter* ou *ob*. Ou ainda no ablativo com a preposição *prae* quando tinha embutida a idéia de impedimento.

Errou por desenfreada liberdade → *immoderata libertate*
 Sacrificou-se por nossa liberdade → *propter nostram libertatem*
 Não pôde falar por causa das lágrimas → *prae lacrimis*

O agente da passiva – o chamado complemento de causa eficiente – vai para o ablativo com a preposição *a* (*ab*), quando se trata de nomes de seres

animados.

Não se tratando de seres animados, não se admite a preposição, porque os latinos interpretavam como mero complemento de causa e não de agente.

Assim: *amore ductus.*

misericordia motus.

Em Fedro, encontramos:

Canis aliam praedam ab altero ferri putans, eripere voluit

Ab altero – ablativo de agente. *Altero* = outro cão.

Essa visão latina pode ajudar a esclarecer no Português os limites entre o adjunto adverbial de causa e o chamado agente da passiva.

Assim:

Ele foi prejudicado *por sua imprudência.*

Ele foi prejudicado *por seu inimigo.*

Poder-se-ia até construir o seguinte enunciado:

Ele foi prejudicado *por sua imprudência por seu inimigo.*

Ou então: *Por sua imprudência, foi prejudicado por seu inimigo.*

O lingüista espanhol Porto-Dapena, tratando desse assunto, diz:

Señalemos, para terminar, que también este complemento puede presentar problemas de delimitación, sobre todo cuando el término de la preposición presenta el rasgo – animado –, esto es, se refiere a una cosa, ya que en este caso puede tratarse también de un complemento circunstancial de causa o medio. Así por ejemplo: Fueron intoxicados por una comida en mal estado.

Um ablativo latino muito interessante é o denominado de *limitação*.

Indica o nome dentro de cujos limites se afirma determinada coisa.

Os gregos, como não tinham ablativo, usavam o acusativo que denominavam de *relação*.

Os latinos também o empregavam numa construção erudita calcada no grego. Virgílio o empregou muitas vezes, especialmente na *Eneida*.

Ernout chama de *ablativo de ponto de vista* o que indica a relação sob a qual é feita uma afirmação. Os latinos já chamavam de *ablativus respectus vel limitativus*.

Vincere (superare) aliquem *gloria*.

Excellere alicui *humanitate*.

Quanto ao acusativo de relação, um exemplo basta para ilustrá-lo no latim. Quando Dido fala de Enéias por quem se apaixonara, diz:

Os *umerosque deo similis*.

A mulher apaixonada compara seu amado a Deus na face e no porte:

Os umerosque → acusativo de relação.

O adjunto adverbial de limitação tem sido ignorado por nossas gramáticas, apesar de sua importância para compreensão da frase.

As expressões: *ao meu juízo, na minha opinião, a meu ver* e outras são verdadeiros complementos de limitação.

Observem-se as frases:

Ele é o melhor aluno *em Matemática*.

Ele venceu o colega *na prova de Português*.

Ela está muito gordinha *nas bochechas*.

Todos somos diferentes *em gênio*.

O circunstancial de *modo* é indicado em latim no ablativo com ou sem a preposição *cum*. A ocorrência maior é sem a preposição.

A preposição *cum* aparece também para indicar a companhia.

Em Português, a preposição *com* aparece no adjunto adverbial de modo, no de meio ou instrumento e no de companhia.

Isso cria uma similitude que exige do analista capacidade de distinguir um do outro.

Agiu *com cautela*. → Modo.

Matou *com uma faca*. → Instrumento.

Saiu *com a amiga*. → Companhia.

O modo ocorre geralmente com nomes abstratos (com cautela); o instrumento, com nomes concretos (com uma faca) e companhia, com seres animados (com a amiga).

A essa diversificação dos valores de *com* é que Pottier trata como a polissemia preposicional.

Pedro matou-o com um facão.

↓
Instrumento (INS)

Pedro está feliz com os sapatos novos.

↓
Causa (CAU)

Pedro saiu com a sua prima.



Sociativo = Companhia

Um fuzil escondido com relva.



Instrumento (INS)

Agora observemos:

Um fuzil escondido pela relva



Causa (CAU)

Um fuzil escondido na relva.



Locativo espacial (LOCE).

Um ablativo de *instrumento* muito interessante é o que aparece com verbos que significam brincar (*ludo*), tocar [música] (*cano*) ou falar [língua] (*loquor*).

Ludere pila = jogar bola

Canere tibia = tocar flauta.

Loqui latina lingua = falar a língua latina.

Assim, *pila*, *tibia* e *lingua latina* são ablativos instrumentais.

Na ótica meramente formal, as nossas gramáticas tratam *bola*, *flauta* e *língua latina* como simples objetos diretos, como se fossem resultado da ação ou atividade verbal.

Em nossa *Análise sintática em nova dimensão*, acatamos a visão latina, considerando *bola*, *flauta* e *latina lingua* como *adjuntos adverbiais de instrumento ou meio*.

Entendemos que se faz necessário conjugar o aspecto semântico com o sintático, como indissociáveis e altamente esclarecedores.

Até fazemos uma comparação entre *jogar bola* e *jogar a bola*, onde no segundo caso temos tipicamente um objeto direto.

Exemplos semelhantes: *falar inglês*, *jogar baralho*, *tocar piano* têm de ser tratados igualmente.

A construção dos adjuntos adverbiais de *instrumento*, *causa* e *agente*, em razão da semelhança ou mesmo igualdade formal, como já chamamos atenção, cria dificuldades na sua identificação.

Os exemplos abaixo de Pottier (LGTD) confirmam o que acima afirmamos:

Pedro foi ferido { *por João.* → Agentivo
 { *por uma granada* → Instrumental
 { *por sua falta* → Causal.

No *agentivo*, há de se levar em conta a potência.

Uso o termo *potência* no sentido em que Pottier o emprega que é a capacidade de ação ou atividade que o termo possui, ou em outras palavras, segundo Pottier, característica do ser a que se possa atribuir a capacidade de agir.

O *humano* (por João) tem essa propriedade.

O *não-humano* (por uma granada/por uma falta) tem potência zero.

Assim, o *não-humano* – como substantivo concreto – é nítido caso de *instrumento* e como abstrato só pode ser interpretado como *causa*.

Merece aqui uma palavra o objeto indireto para podermos fazer um comentário sobre um tipo de construção.

No geral, admite-se como objeto indireto o complemento do verbo transitivo com preposição, com qualquer tipo de preposição.

Há uma corrente de estudiosos, de muito peso, que só considera objeto indireto o complemento regido da preposição *a*, pois este é que corresponderia ao dativo latino.

Essa corrente, entretanto, deixou sem solução no que tange a nomenclatura os demais complementos com as outras preposições (que não *a*). Alguns autores o chamam de complemento relativo.

No caso, por exemplo, de *gosto de você* se diria que *de você* é complemento do verbo *gostar* acompanhado da preposição *de*. Seria complemento relativo.

Dentro desse quadro, o que chama atenção, entre outros, é o caso, por exemplo, do verbo *viver*.

Trata-se de verbo intransitivo, mas que, muitas vezes, vem acompanhado da preposição *de*. Não me convenci ainda de chamar de objeto indireto a esse complemento:

Viver de peixes.

O latim, que é uma língua precisa por excelência, traduz o *de peixes* com o ablativo instrumental:

Vivere piscibus

O mesmo ocorre com o verbo *Fruor* – gozar:

Gozo de repouso
Fruor otio

Essas considerações vêm ao encontro do objetivo traçado no início deste artigo. Não há nem de longe intenção de ensinar nada a ninguém, considerando especialmente o público leitor desta revista especializada. Trata-se apenas de, como dissemos, modestas reflexões. Se forem úteis, viva a importância do latim, hoje tão pouco estudado e pouco conhecido.

Sobre o ablativo haveria muito a dizer, o que deixamos de fazer, por desnecessário, no momento. Voltaremos a ele em outra oportunidade.

BIBLIOGRAFIA

- CLIMENT**, M. Bassols *Sintaxis histórica de la lengua latina*, Tomo I, CSIC, Barcelona, 1945.
- ERNOUT**, A. et **THOMAS**, François *Syntaxe latine*, Klincksieck, Paris, 1951.
- MACEDO**, Walmirio *Análise sintática em nova dimensão*, Editora Presença, Rio de Janeiro
- *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*, Presença, Rio de Janeiro, 1991
- MADVIG**, Iohan Nicolai *Gramática latina*, trad. de Nicolau Firmino Livraria Avelar Machado, Lisboa, 1942.
- MEILLET**, A. et **VENDRYÈS**, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, Hachette, Paris, 1928;
- MEILLET**, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, Hachette, Paris, 1948
- PORTO DAPENA**, José-Alvaro *El complemento circunstancial*, Arco-Libros, Madri, 1993.
- *Complementos argumentales del verbo: directo, indirecto, suplemento y agente*, Arcos-Libros, Madri, 1994.
- POTTIER**, Bernard *Lingüística geral. Teoria e Descrição*. Trad. e adaptação de Walmirio Macedo, Presença, Rio de Janeiro, 1978 (especialmente o capítulo sobre a Teoria dos casos).
- *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*, Gredos, Madri, 1986.
- RAVIZZA**, P. João *Gramática Latina*, Dom Bosco, Niterói, 1956.
- SAPIR**, Edward *Lê langage – introduction à l'étude de la parole*. Trad. de M. Guilemin, Payot, Paris, 1953.
- SAUSSURE**, F. *Cours de linguistique générale*, éditon critique préparée par Tulio de Mauro, Payot, Paris, 1950.
- SCHULTZ**, Ferdinando *Gramática della língua latina*, Paravia, Roma, 1951.
- VALENTI FIOL**, E. *Sintaxis latina*, Bosch Casa Editorial, Barcelona, 1945.